



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

CANCELAMENTO VARIÁVEL DO RÓTICO:
HISTÓRIA LINGUÍSTICA E SOCIAL

Vitor Gabriel Caldas

Rio de Janeiro
2016

VITOR GABRIEL CALDAS

CANCELAMENTO VARIÁVEL DO RÓTICO:
HISTÓRIA LINGUÍSTICA E SOCIAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação Português-
Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carolina Ribeiro Serra

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Dinah Maria Isensee Callou

RIO DE JANEIRO

2016

CIP - Catalogação na Publicação

C145c Caldas, Vitor Gabriel
Cancelamento variável do rótico: história
linguística e social / Vitor Gabriel Caldas. --
Rio de Janeiro, 2016.
28 f.

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra.
Coorientadora: Dinah Maria Isensee Callou.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Inglês, 2016.

1. variação linguística. 2. apagamento. 3.
rotico. 4. história linguística. 5. história social.
I. Serra, Carolina Ribeiro, orient. II. Callou,
Dinah Maria Isensee, coorient. III. Título.

Agradecimentos

Antes de qualquer coisa, agradeço aos meus pais pelo apoio emocional e financeiro, que me permitiram chegar até aqui. Agradeço também à minha irmã, por ter me apoiado em minhas decisões durante a graduação. Enfim, a todos da minha família que, de alguma forma, acreditaram em mim.

Agradeço à Carolina Serra por ter me apresentado ao mundo acadêmico e por ter acreditado e apostado em mim desde o início. À minha orientadora de iniciação científica, Dinah Callou, pelos ensinamentos não só sobre linguística, mas também sobre a vida.

Às minhas irmãs acadêmicas, Aline e Ingrid, agradeço por terem estado comigo nos momentos mais importantes e felizes da minha graduação. Agradeço ao Caio, pela ajuda e pelas risadas que me proporcionou. À Karilene, por também ter estado comigo em momentos felizes da minha graduação.

Aos meus amigos da graduação, em especial, Nathália e Robledo, que também sempre acreditaram e apostaram em mim. À Gabriela, que também sempre acreditou e apostou em mim.

Aos meus professores da graduação que, de alguma forma, me ajudaram e não só me ensinaram sobre língua e literatura, mas também me inspiraram a continuar na busca por ser um professor e pesquisador cada vez mais coerente, competente e consciente.

Ao CLAC, pelas experiências que me ajudaram a ser um professor melhor.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de iniciação científica, que permitiu o desenvolvimento da minha pesquisa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que me ajudaram durante a graduação.

*“So I took the road less traveled by
And I barely made it out alive
Through the darkness, somehow, I survived
Tough love, I knew it from the start
Deep down in the depths
Of my rebel heart”*

(Madonna)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Um breve histórico do processo	1
2 HIPÓTESES E OBJETIVOS	3
3 CORPUS E METODOLOGIA	3
4 RESULTADOS	5
4.1 Coda final em verbos	5
4.2 Coda final em não-verbos	8
4.3 Coda medial	13
5 FORMAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA DAS COMUNIDADES	16
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia focaliza o processo de cancelamento variável do rótico no português brasileiro (doravante PB), tanto em posição de coda silábica medial (cuRso ~ cuØso) quanto final (amaR ~ amaØ), em três cidades do país (Rio de Janeiro, Salvador e São Luís), nas falas de indivíduos com diferentes graus de escolarização.

O *corpus* do trabalho é composto por amostras de fala espontânea de indivíduos distribuídos por região, faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), gênero (masculino e feminino) e nível de escolaridade (cultos e não-cultos)¹. Os registros foram extraídos de entrevistas realizadas à época da confecção do *corpus* do Projeto ALiB (www.alib.ufba.br, CARDOSO *ET ALII*, 2014).

O aspecto inovador do trabalho reside no fato de se observarem não só os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que atuam no cancelamento do rótico, mas também os indicadores sociais que poderiam ter relação com a distribuição diferenciada do processo nas três comunidades.

A análise busca traçar uma relação entre indicadores demográficos e a história social das comunidades com o processo de apagamento do rótico, o que, no que se restringe estritamente ao processo estudado, poderia ser mais um fator que favoreça a associação entre norma e prestígio social. Para isso, baseamo-nos no aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (LABOV, 1994).

A escolha das três cidades (uma da região Sudeste e duas da Nordeste) se justifica por (i) serem as capitais do país cujas normas costumam ser apontadas como as de maior prestígio e (ii) possuírem um tipo semelhante de realização do rótico (*R* fricativo).

1.1 Um breve histórico do processo

O cancelamento variável de segmentos em posição de coda silábica constitui um processo antigo, observado em várias línguas. No francês, por exemplo, o apagamento do *R* no final dos infinitivos se estendeu de tal forma que acarretou uma mudança completa. A língua portuguesa parece caminhar na mesma direção.

Ao observarmos o fenômeno de cancelamento do rótico, devemos ter em mente que esse processo parece não ocorrer de forma aleatória, mas seguindo etapas de enfraquecimento que podem levar à supressão do segmento e, conseqüentemente, à simplificação da estrutura

¹ Cabe esclarecer que se considera aqui que a fala culta se refere à fala de indivíduos com nível superior completo e a fala não-culta à fala de indivíduos sem graduação. Tais padrões são postulados pelo projeto NURC (www.lettras.ufrj.br/nurc-rj).

silábica do PB: $CVC \rightarrow CV$. Postula-se assim o seguinte universal linguístico para o processo: *vibrante anterior* \rightarrow *fricativa posterior* \rightarrow *aspiração* $\rightarrow \emptyset$. Contudo, deve-se esclarecer que algumas dessas etapas podem ser puladas e que o processo de enfraquecimento é também acompanhado por um processo de posteriorização do rótico, visto que o *R* passa de [+anterior] a [+posterior].

Resultados anteriores, relativos a análises da fala culta de indivíduos cariocas e soteropolitanos, tanto da década de 70 quanto da década de 90, mostram o avanço do processo no Rio de Janeiro e em Salvador, o que evidencia que se trata de um caso de mudança em progresso. Em relação aos índices de apagamento do *R*, sempre se mostraram relevantes para a aplicação da regra variável de cancelamento os seguintes fatores linguísticos e sociais²: tipo de coda em que o segmento está inserido, se medial ou final; classe morfológica do vocábulo, verbo ou não-verbo; tipo de realização do segmento; a dimensão do vocábulo; o contexto subsequente (consoante, vogal ou pausa); e faixa etária. Os índices mais altos de apagamento foram registrados em coda final (por oposição à medial) e em verbos (por oposição a não-verbos). Entretanto, em alguns dialetos, o fenômeno de apagamento do *R* já não mais se restringe à coda silábica final e atinge, inclusive, a fronteira interna à própria palavra (CALLOU; SERRA, 2012; FARIAS; OLIVEIRA, 2013; SERRA; CALLOU, 2013, 2015).

Em trabalhos publicados mais recentemente (CALLOU; SERRA, 2012; SERRA; CALLOU, 2013), ao contrário do que era apontado anteriormente, o *locus* de cancelamento do rótico não é a sílaba. As pesquisas indicam que o fenômeno, quando em fase inicial, é sensível à estrutura prosódica, pois, a depender do nível da hierarquia prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986/2007), os percentuais de apagamento são mais altos ou mais baixos. Neste trabalho, entretanto, não serão levados em conta os condicionamentos prosódicos que atuam no processo.

No que se refere à manutenção do segmento, verificou-se que os índices são mais altos nos dialetos em que a consoante possui o caráter de vibrante ápico-alveolar, em não-verbos e em monossílabos (CALLOU, LEITE; MORAES, 1996; MONARETTO, 2010; LEITE, 2011).

² Os grupos de fatores apresentados não estão listados em ordem de relevância para a atuação do processo.

2 HIPÓTESES E OBJETIVOS

Com base no que já foi descrito em trabalhos anteriores, partimos das seguintes hipóteses: (i) o processo de cancelamento do rótico se apresenta em estágios diferentes em cada cidade devido à influência da história social das comunidades na história linguística; (ii) há um maior índice de apagamento do *R* nos falantes de nível mais baixo de escolaridade, o que demonstra se tratar de uma mudança de baixo para cima, em termos labovianos e (iii) o processo é gradiente e atinge principalmente as cidades do Nordeste, região em que a norma de realização do rótico é uma fricativa [+posterior], em geral, uma aspiração.

Com esta pesquisa objetivamos: (i) verificar se o fenômeno se comporta de maneira distinta nas falas culta e não-culta – seja em posição final ou medial; (ii) analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam no processo de apagamento e (iii) verificar se alguns indicadores sociais permitem levantar hipóteses sobre a distribuição diferenciada do fenômeno nas três comunidades de fala.

3 CORPUS E METODOLOGIA

O *corpus* do trabalho é composto por entrevistas realizadas com 24 indivíduos, distribuídos por região, faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), gênero (masculino e feminino) e escolaridade (cultos e não-cultos). Os dados levantados correspondem a amostras de fala semi-espontânea, retirados do *corpus* do projeto ALiB (www.alib.ufba.br, CARDOSO ET ALII, 2014), constituído na primeira década dos anos 2000.

Objetivando analisar a fala mais espontânea possível, foram descartados os minutos iniciais das gravações e selecionadas, prioritariamente, as falas registradas no questionário denominado Temas para discursos semidirigidos, pois são registros mais naturais da língua que o falante utiliza no seu dia-a-dia, no qual os informantes são requisitados a narrar experiências de sua juventude, origem, ocupação, etc.

Para este trabalho, foram adotadas as variáveis independentes já testadas em estudos anteriores: classe morfológica (verbos e não-verbos); dimensão do vocábulo, ou seja, o número de sílabas que a palavra contém; contexto subsequente (variável testada apenas para coda final), se consoante, vogal ou pausa; gênero do informante, faixa etária e nível de escolaridade, superior ou fundamental.

Para cada uma das variáveis independentes, há uma justificativa que explica a sua testagem. Primeiramente, a classe morfológica – dividida em verbos e não-verbos – se justifica pelo fato de que todos os trabalhos anteriores que dissertam sobre o apagamento do rótico sempre mostraram que os índices de cancelamento são muito diferentes a depender da

natureza morfossintática da palavra em que o *R* está inserido; sabe-se que a queda do segmento é muito mais frequente em verbos do que em não-verbos.

Em relação à dimensão do vocábulo, sabe-se que, em palavras com pouco material fônico, ou seja, com menor número de sílabas, em especial, monossílabos, o *R* é mais saliente e, conseqüentemente, haveria maior índice de retenção do segmento.

O contexto subsequente está relacionado ao ambiente fonético em que o rótico está inserido. A depender do tipo de consoante de que o *R* está diante, há um maior ou menor índice de supressão do segmento, por exemplo, diante do fone [s], há maior probabilidade de cancelamento do *R* devido a um processo de assimilação de traços, muito produtivo na história da língua portuguesa. Diante de vogal, é possível que haja um processo de ressilabificação, no qual o rótico passa da posição de coda de uma sílaba à de ataque da sílaba seguinte. Em contexto de pausa, em princípio, haveria maior taxa de preservação do segmento devido ao tipo de fronteira prosódica em que o *R* está inserido.

No que se refere à variável gênero do falante, as pesquisas sociolinguísticas sempre mostraram que, quando formas linguísticas estão em variação e uma delas não é estigmatizada (ao que parece, caso do apagamento do *R*), “[...] as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística, estando, em muitos casos, uma geração à frente dos homens.” (MOLLICA; BRAGA, 2003).

A variável faixa etária sempre é testada nos estudos variacionistas a fim de verificar se há diferenças no uso das formas linguísticas de caráter geracional. Em geral, as gerações mais jovens tendem a ser mais inovadoras e levar processos de mudança adiante, *ipso facto* observar a faixa etária dos falantes é relevante para o acompanhamento da mudança linguística.

O nível de escolaridade dos falantes é, definitivamente, um dos fatores mais significativos para os estudos em variação e mudança linguísticas. Como se sabe, todas as línguas são heterogêneas, pois cada uma delas representa uma sociedade, que é inerentemente heterogênea. Dizer que as línguas são heterogêneas significa dizer que os usos linguísticos variam de acordo com os grupos sociais que convivem numa mesma comunidade de fala. Falantes mais escolarizados tendem a usar formas mais prestigiadas e incorporar à sua fala formas inovadoras quando o processo não é estigmatizado (aparentemente, caso do apagamento do *R*).

4 RESULTADOS

Para a análise estatística dos resultados, foi utilizado o programa estatístico GoldVarb X (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, A.; SMITH, E., 2005), a fim de verificar as variáveis selecionadas pelo programa como relevantes no processo de cancelamento do rótico.

Os dados foram rodados separadamente de acordo com a região e o tipo de coda (medial e final). Depois dessa primeira rodada, observamos a necessidade de se separarem os dados dos indivíduos cultos dos não-cultos, visto que essa variável foi selecionada como a mais relevante em todas as cidades. Separamos também os dados provenientes de verbos e não-verbos para a coda final, pois, como já foi apontado, trabalhos anteriores sempre mostraram significativa diferença entre os índices de apagamento do rótico em verbos e não-verbos, em posição final. Os resultados a seguir são apresentados separadamente por verbos e não-verbos, em posição final; posição medial; cultos e não-cultos; e região (Rio de Janeiro, Salvador e São Luís).

4.1 Coda final em verbos

RIO DE JANEIRO

Os resultados obtidos em posição final, em verbos, do Rio de Janeiro mostram que o processo de cancelamento do rótico nesse contexto está praticamente completo, ou seja, é um caso de mudança em progresso. Sendo assim, devido aos índices tão elevados de apagamento, nenhuma variável foi selecionada como relevante para o processo.

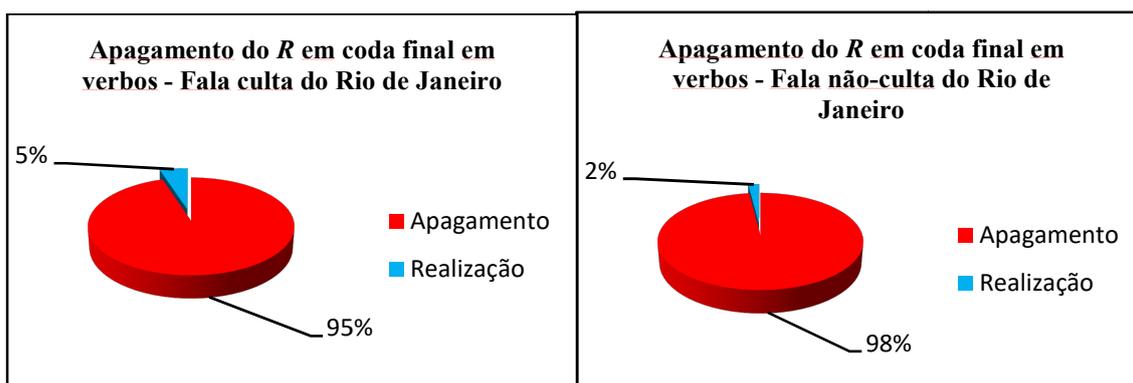


Gráfico 1: Percentual de apagamento do R em final de verbos na fala culta do Rio de Janeiro

Gráfico 2: Percentual de apagamento do R em final de verbos na fala não-culta do Rio de Janeiro

Além disso, tais resultados nos permitem dizer que não há diferença entre a fala culta e a não-culta, no que se refere à supressão do R em coda final, em verbos. Como mostram os

gráficos acima, a diferença do percentual de apagamento entre as falas culta e não-culta é de apenas 3%.

SALVADOR

Os resultados relativos à coda final em verbos, nas falas culta e não-culta de Salvador, são bastante semelhantes aos do Rio de Janeiro. Assim como na capital da região Sudeste, o processo de apagamento do rótico em final de verbos está praticamente completo. Os índices tanto para a fala culta quanto para a não-culta são elevados, chegando quase a 100%.

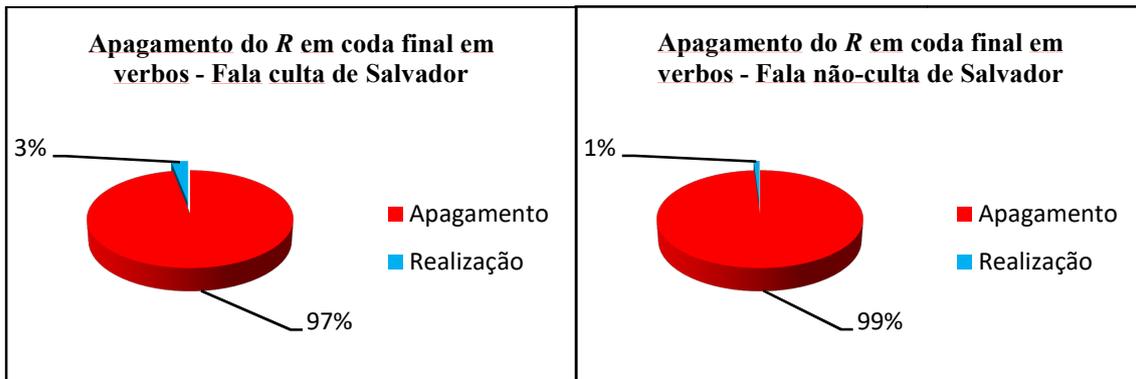


Gráfico 3: Percentual de apagamento do R em final de verbos na fala culta de Salvador

Gráfico 4: Percentual de apagamento do R em final de verbos na fala não-culta de Salvador

Contudo, diferentemente do Rio de Janeiro, duas variáveis foram selecionadas como relevantes para o processo, na fala culta. O fator contexto subsequente apresentou resultados interessantes na fala de indivíduos mais escolarizados.

Contexto subsequente	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
Consoante	153/154	99%	.80
Vogal	173/180	96%	.33
Pausa	108/113	95%	.29

Tabela 1: Apagamento do R em final de verbos em relação ao contexto subsequente – fala culta de Salvador (Input: .99)

Como a tabela acima mostra, o índice de cancelamento do R diante de consoante é maior do que diante de vogal e pausa. Apesar de os percentuais de apagamento serem bem próximos, se analisarmos o peso relativo, veremos que estatisticamente os resultados mostram que, quando o contexto subsequente é uma vogal ou pausa, há maior probabilidade de

retenção do segmento. Esses resultados vão ao encontro do que já foi atestado em trabalhos anteriores, podendo ser explicados pelos motivos que já foram esmiuçados em seção anterior.

A outra variável apontada como relevante para o processo foi o gênero do falante. A tabela abaixo mostra que o índice de cancelamento do rótico é maior quando o informante é do sexo feminino.

Gênero	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
Feminino	278/279	99%	.77
Masculino	156/168	93%	.11

Tabela 2: Apagamento do *R* em final de verbos em relação ao gênero do informante – fala culta de Salvador (Input: .99)

Novamente, apesar de os percentuais de apagamento serem bem próximos, se analisarmos o peso relativo, veremos que estatisticamente os resultados mostram que as mulheres lideram o processo. Esses números também são semelhantes aos apresentados em outros estudos variacionistas, confirmando mais uma vez que, quando formas linguísticas estão em variação e o processo não é estigmatizado, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança.

SÃO LUÍS

Igualmente aos índices de cancelamento do rótico em coda final em verbos do Rio de Janeiro e Salvador, os resultados relativos às falas culta e não-culta de São Luís demonstram que o processo está praticamente completo nesse contexto.

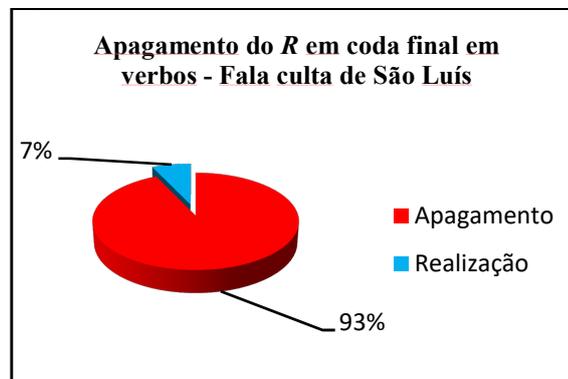


Gráfico 5: Percentual de apagamento do *R* em final de verbos na fala culta de São Luís

Na fala culta, registrou-se um percentual muito elevado de 93%; enquanto na fala não-culta, o apagamento foi categórico, visto que não houve qualquer realização do *R*, em final de verbos. Sendo assim, nenhuma variável foi selecionada como relevante tanto para a fala culta quanto para a não-culta.

4.2 CODA FINAL EM NÃO-VERBOS

RIO DE JANEIRO

Diferentemente dos índices de cancelamento do rótico em coda final de verbos, no Rio de Janeiro, os valores obtidos para a posição final em não-verbos mostram uma expressiva diferença entre as falas culta e não-culta.

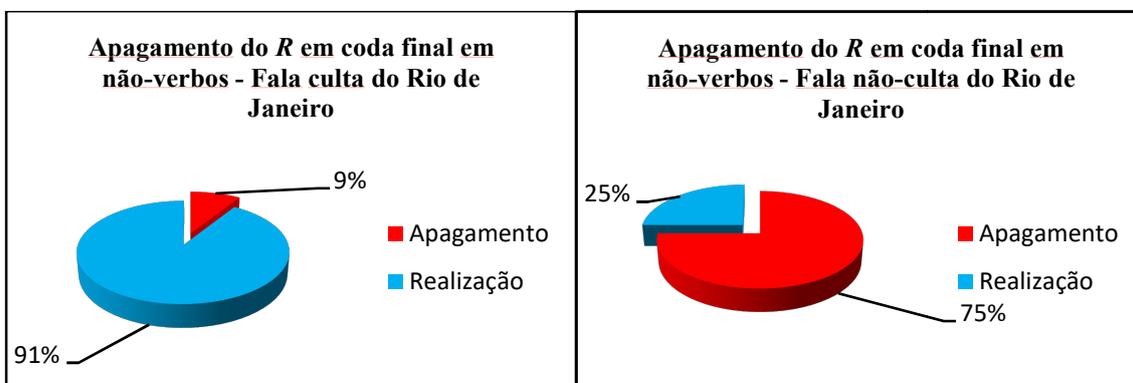


Gráfico 6: Percentual de apagamento do *R* em final de não-verbos na fala culta do Rio de Janeiro

Gráfico 7: Percentual de apagamento do *R* em final de não-verbos na fala não-culta do Rio de Janeiro

Como os gráficos acima mostram, a fala culta apresentou uma taxa de apenas 9% de apagamento contra 75% para a fala não-culta. O índice de 9% para a fala culta mostra que, em contexto final de não-verbos, indivíduos mais escolarizados tendem a preservar o segmento, estando assim o processo em estágio bem inicial. Já na fala de indivíduos menos escolarizados, o índice de 75% mostra que o apagamento do rótico está em estágio bastante avançado.

Quanto às variáveis relevantes para o cancelamento nesse contexto, foram selecionados, somente para a fala não-culta, três grupos de fatores: dimensão do vocábulo, contexto subsequente e faixa etária do informante.

Como já foi apontado anteriormente, o percentual de apagamento do rótico é mais baixo em vocábulos menores se comparado a itens maiores. A tabela abaixo mostra um índice moderado de 56% de apagamento em vocábulos monossilábicos, 74% em dissílabos e apagamento categórico em vocábulos de três sílabas. Esses resultados demonstram que ainda há maior tendência de preservação do rótico em palavras com menos material fônico.

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
1 sílaba	10/18	56%	.21
2 sílabas	31/42	74%	.63
3 sílabas	16/16	100%	-

Tabela 3: Apagamento do *R* em final de não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – fala não-culta do Rio de Janeiro (*Input*: .78)

Em relação ao contexto subsequente, a tabela abaixo ilustra o mesmo que já foi observado anteriormente: há maior índice de cancelamento do *R* diante de consoante do que diante de vogal e, principalmente, em contexto de pausa.

Contexto subsequente	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
Consoante	36/44	82%	.67
Vogal	10/14	71%	.33
Pausa	12/19	63%	.22

Tabela 4: Apagamento do *R* em final de não-verbos em relação ao contexto subsequente – fala não-culta do Rio de Janeiro (*Input*: .78)

No que se refere à variável faixa etária, observamos um percentual de apagamento mais alto na fala de indivíduos da primeira faixa etária do que na fala dos informantes mais velhos, o que, conforme já mencionado, é regularmente apontado em estudos variacionistas (Cf. tabela abaixo).

Faixa etária	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
1	28/32	88%	.76
2	30/45	67%	.30

Tabela 5: Apagamento do *R* em final de não-verbos em relação à faixa etária do informante – fala não-culta do Rio de Janeiro (*Input*: .78)

SALVADOR

Os resultados relativos à coda final em não-verbos, nas falas culta e não-culta de Salvador, são bastante diferentes dos apresentados acima para o Rio de Janeiro. Enquanto, na capital do Sudeste, os índices de cancelamento do *R* mostram que o processo ainda está em

estágio bem inicial na fala culta, na capital do Nordeste, os percentuais são bastante expressivos entre todos os falantes.

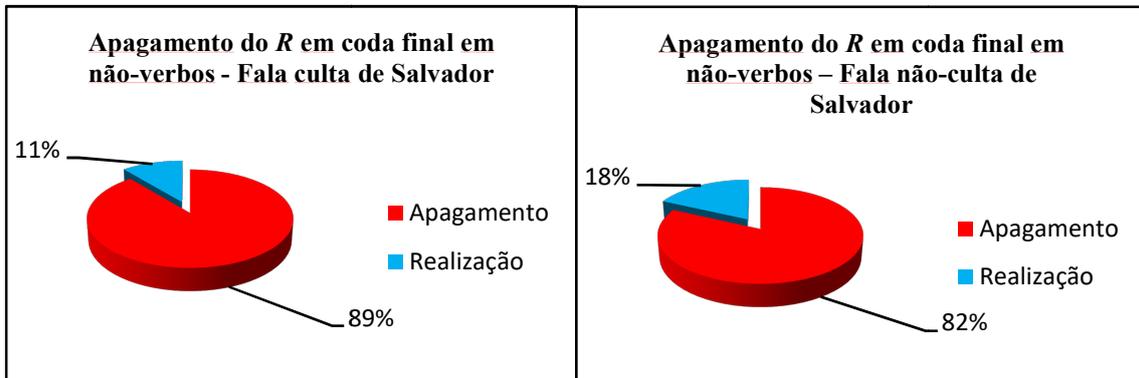


Gráfico 8: Percentual de apagamento do R em final de não-verbos na fala culta de Salvador

Gráfico 9: Percentual de apagamento do R em final de não-verbos na fala não-culta de Salvador

Contrariamente ao que esperávamos, obtivemos um percentual um pouco mais elevado na fala dos cultos do que na dos não-cultos. Essa pequena diferença pode significar que, nesse contexto, o processo de cancelamento do rótico já não tem mais relação com o fator nível de escolaridade. Além disso, nenhuma variável foi selecionada como relevante para o processo pelo programa estatístico.

SÃO LUÍS

Os resultados obtidos para o cancelamento do rótico em coda final de não-verbos, nas falas culta e não-culta de São Luís, são bastante distintos dos do Rio de Janeiro e um tanto diferentes dos de Salvador.

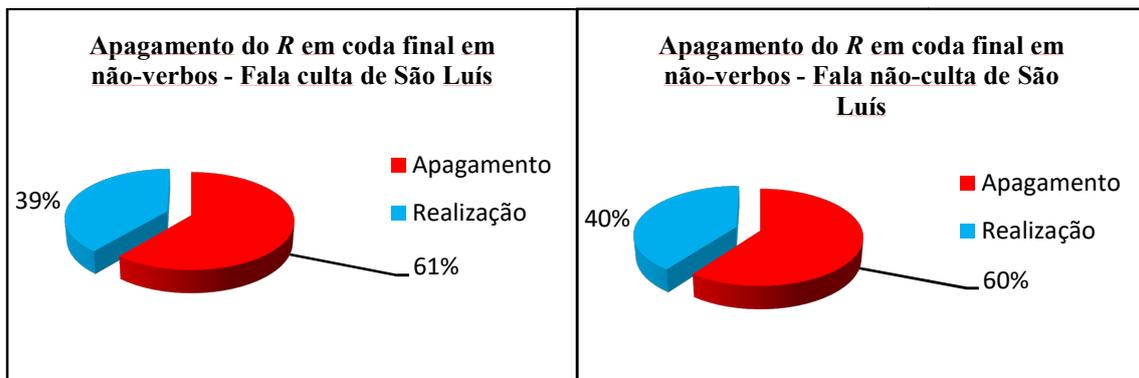


Gráfico 10: Percentual de apagamento do R em final de não-verbos na fala culta de São Luís

Gráfico 11: Percentual de apagamento do R em final de não-verbos na fala não-culta de São Luís

Diferentemente do que ocorre, em especial, no Rio de Janeiro, os índices mostram que o processo é bastante equilibrado em relação à diferença de comportamento entre indivíduos

mais e menos escolarizados. Além disso, os valores de cancelamento são expressivos em ambas as falas culta e não-culta (61% e 60%, respectivamente), embora sejam mais baixos se comparados aos de Salvador.

O programa GoldVarb X selecionou uma variável como relevante para a fala culta e três para a não-culta. Na fala dos mais escolarizados, o fator dimensão do vocábulo foi o único selecionado. Já na fala dos menos escolarizados, os grupos dimensão do vocábulo, contexto subsequente e gênero do informante foram apontados como relevantes.

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
1 sílaba	3/22	14%	.08
2 sílabas	26/34	76%	.66
3 sílabas	13/18	72%	.61
4 sílabas	10/11	91%	.85

Tabela 6: Apagamento do R em final de não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – fala culta de São Luís (Input: .62)

Novamente, para a fala não-culta, o fator dimensão do vocábulo foi selecionado como relevante para o processo de cancelamento do rótico, como mostra a tabela abaixo.

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
1 sílaba	6/30	20%	.05
2 sílabas	26/30	87%	.92
3 sílabas	6/10	60%	.76
4 sílabas	7/7	100%	-

Tabela 7: Apagamento do R em final de não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – fala não-culta de São Luís (Input: .28)

Observando os números acima, podemos perceber o mesmo que foi verificado para a fala não-culta do Rio de Janeiro e culta de São Luís. Esses resultados indicam que a atuação do processo de apagamento do R, em posição final de não-verbos, ainda tem relação com a variável dimensão do vocábulo.

Outro grupo selecionado como relevante foi o contexto subsequente (bem como em coda final de verbos, na fala dos cultos de Salvador). Os resultados apresentados na tabela

abaixo corroboram o que já foi apontado anteriormente: diante de consoante, há maior índice de supressão do segmento ao passo que, diante de vogal ou pausa, há maior possibilidade de retenção do rótico.

Contexto subsequente	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
Consoante	25/38	66%	0.87
Vogal	10/22	45%	0.32
Pausa	12/19	63%	0.04

Tabela 8: Apagamento do *R* em final de não-verbos em relação ao contexto subsequente – fala não-culta de São Luís (*Input*: .28)

A última variável selecionada como relevante foi o gênero do informante, a qual também foi selecionada em final de verbos, na fala culta de Salvador.

Gênero	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
Feminino	8/20	40%	0.18
Masculino	39/59	66%	0.62

Tabela 9: Apagamento do *R* em final de não-verbos em relação ao gênero do informante – fala não-culta de São Luís (*Input*: .28)

Ao observarmos a tabela acima, contudo, veremos que, diferentemente do que ocorre na fala culta de Salvador, os índices de cancelamento do *R* mostram que, na fala das mulheres, o percentual de apagamento é menor, o que é corroborado pelo peso relativo mais baixo para a aplicação da regra variável.

Como assinalado anteriormente, estudos variacionistas apontam que, quando formas linguísticas estão em variação e o processo não é estigmatizado (aparentemente, caso do fenômeno em estudo), as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística. Dessa maneira, esses resultados podem indicar que o processo de apagamento do rótico, em final de não-verbos, na fala não-culta de São Luís, ainda apresenta algum traço de estigma.

4.3 CODA MEDIAL

RIO DE JANEIRO

Assim como os índices de apagamento do *R* para a coda final, em não-verbos, mostram uma diferença a depender do nível de escolaridade dos falantes, os resultados relativos à coda medial também demonstram que há um comportamento diferente entre as falas culta e não-culta do Rio de Janeiro.

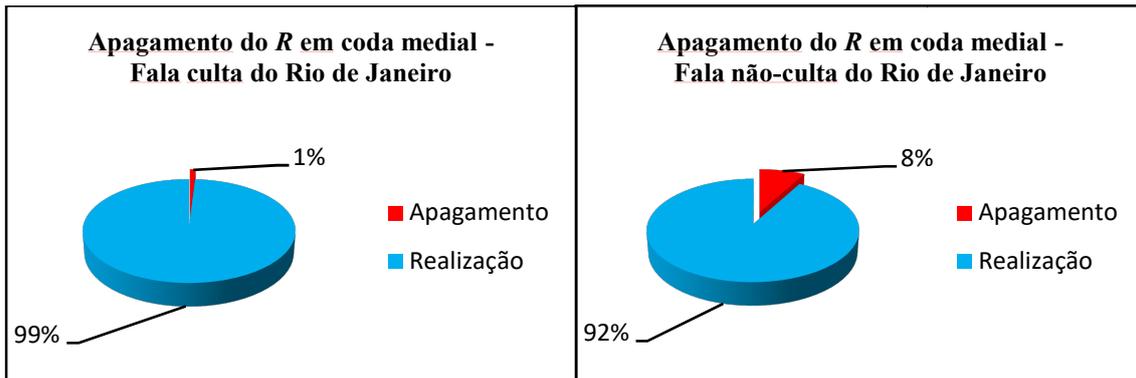


Gráfico 12: Percentual de apagamento do *R* em coda medial na fala culta do Rio de Janeiro

Gráfico 13: Percentual de apagamento do *R* em coda medial na fala não-culta do Rio de Janeiro

Como os gráficos acima mostram, na fala culta, registrou-se um índice baixíssimo de apenas 1% de cancelamento de *R*, não sendo qualquer variável selecionada como relevante para o processo. Vale dizer que esse percentual corresponde a três ocorrências no vocábulo “porque”, o que nos permite dizer que, muito provavelmente, o apagamento está relacionado ao item lexical especificamente e não ao contexto medial. A supressão do *R* em “porque” pode ser explicada pelo motivo de ser uma palavra com alta taxa de frequência de uso.

Na fala não-culta, também se registrou um índice baixo de apagamento (8%), embora mais expressivo. Podemos assim dizer que o processo de cancelamento do rótico em coda medial na fala não-culta do Rio de Janeiro ainda está em estágio bem inicial; entretanto, mesmo assim a variável consoante subsequente foi selecionada como relevante para o fenômeno.

Consoante subsequente	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
[s]	6/27	22%	.78
[k]	14/41	34%	.87

Tabela 10: Apagamento do *R* em coda medial em relação à consoante subsequente – fala não-culta do Rio de Janeiro (*Input*: .06)

A tabela acima ilustra o que já foi assinalado em outras seções desta monografia. Diante da consoante [s], há maior índice de apagamento do *R*, devido a um processo de assimilação de traços, muito produtivo na história da língua portuguesa. A supressão do segmento diante do fone [k] se explica pelo mesmo que foi atestado em posição medial, na fala culta. Ao analisarmos os vocábulos em que houve a queda do rótico diante de [k], observamos que todos os contextos se referiam à palavra “porque”. Novamente, podemos dizer que, muito provavelmente, o apagamento está relacionado ao item lexical especificamente e não ao contexto medial.

SALVADOR

Assim como os índices de cancelamento do *R* na coda final em não-verbos mostram que o processo está mais avançado em Salvador do que no Rio de Janeiro, os percentuais de apagamento para a posição medial indicam que o fenômeno é mais robusto na capital soteropolitana do que na carioca.

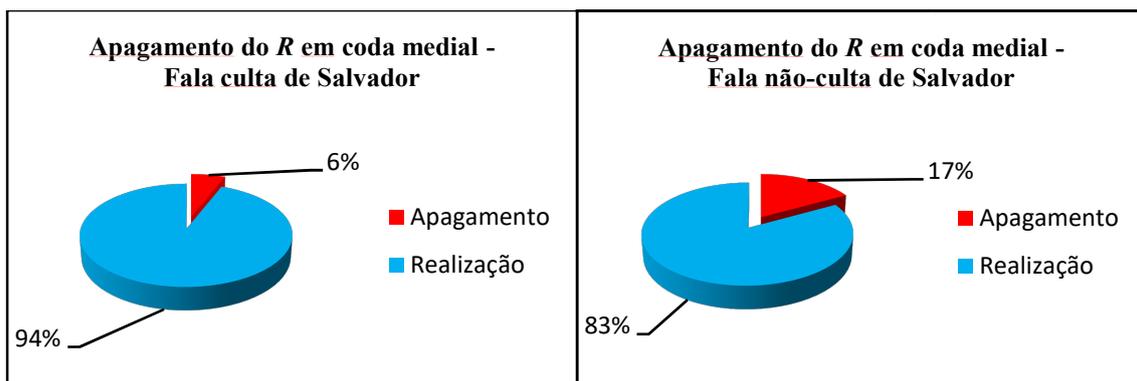


Gráfico 14: Percentual de apagamento do *R* em coda medial na fala culta de Salvador

Gráfico 15: Percentual de apagamento do *R* em coda medial na fala não-culta de Salvador

Como podemos observar nos gráficos acima, os percentuais de apagamento denotam que, na fala culta, o processo ainda está em estágio inicial e, na não-culta, já é mais saliente. Não obstante, nenhum fator foi selecionado como relevante para o processo nesse contexto.

SÃO LUÍS

Os resultados obtidos para a coda medial, nas falas culta e não-culta de São Luís, são bastante semelhantes aos apresentados para o Rio de Janeiro.

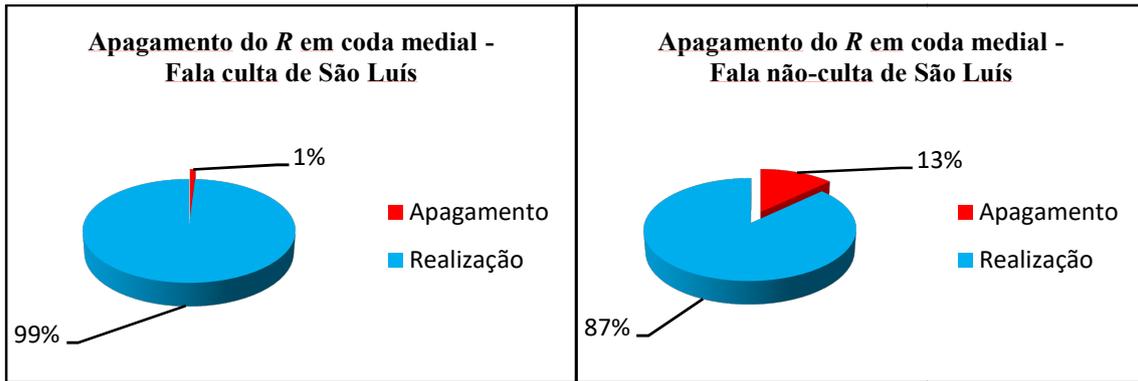


Gráfico 16: Percentual de apagamento do *R* em coda medial na fala culta de São Luís

Gráfico 17: Percentual de apagamento do *R* em coda medial na fala não-culta de São Luís

Os gráficos acima mostram que o cancelamento do rótico em posição medial, na fala de cultos e não-cultos de São Luís, ainda está em estágio bastante inicial. Além disso, deve-se destacar que o percentual relativo à fala culta é inexpressivo (1%), já na fala não-culta o processo está mais avançado (13%). Conseqüentemente, somente para a fala não-culta, foram selecionadas variáveis: consoante subsequente e faixa etária do informante.

Consoante subsequente	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
[s]	7/12	58%	0.93
[k]	22/44	50%	0.92

Tabela 11: Apagamento do *R* em coda medial em relação à consoante subsequente – fala não-culta de São Luís (Input: .07)

A tabela acima ilustra o mesmo que ocorreu nas falas culta e não-culta do Rio de Janeiro. O apagamento do *R* diante das consoantes [s] e [k] é recorrente e pode ser explicado pelos mesmos motivos que já foram esmiuçados anteriormente.

O outro fator relevante selecionado vai de encontro ao que é apontado em estudos variacionistas. Como também já foi mencionado, em geral, as gerações mais jovens tendem a ser mais inovadoras e levar processos de mudança adiante. Contudo, os nossos resultados para a posição medial, na fala não-culta de São Luís, mostram um índice de cancelamento um pouco mais alto na fala dos indivíduos mais velhos do que na dos mais jovens (Cf. tabela abaixo).

Faixa etária	Oco/Total	Percentual	Peso relativo
1	17/145	12%	0.43
2	15/101	15%	0.59

Tabela 12: Apagamento do *R* em coda medial em relação à faixa etária– fala não-culta de São Luís (*Input: .07*)

5 FORMAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA DAS COMUNIDADES

Passemos agora à análise da formação socio-histórica das comunidades de fala investigadas ao longo desta monografia. Conforme mencionado na introdução deste trabalho, a escolha das três capitais para o estudo se justifica pelo objetivo principal de propor uma relação entre indicadores demográficos e a história social das comunidades com o processo de cancelamento do rótico.

É de conhecimento geral que os dialetos de uma língua podem ser prestigiados ou estigmatizados. Até mesmo dentre aqueles prestigiados, podemos classificar os que gozam de mais e menos prestígio. No caso do PB, sabemos quais são os falares favoritos ao infame rótulo de “melhor português”. É comum ouvirmos falantes leigos (não especialistas) e, até mesmo, alguns que são apontados como autoridades no assunto, dizerem que os dialetos carioca e são-luisense são “os mais corretos”.

Em entrevista à revista *Veja*, em 1997, o professor Pasquale Cipro Neto foi questionado sobre onde se falava o “melhor português” no Brasil. Confira sua resposta abaixo:

“Certa vez fui ao Maranhão porque me disseram que lá se falava um português menos contaminado. Pura lenda. Acho que, no cômputo geral, o carioca é o que se expressa melhor sob a ótica da norma culta. Ele não come o “s” quando usa o plural, utiliza os pronomes com mais propriedade, não erra tanto nas concordâncias e tem uma linguagem mais criativa.”

A resposta do professor revela, principalmente, o preconceito linguístico que se tem sobre uma forma de falar própria de alguns grupos sociais, no caso, o menor uso de marcas de concordância de plural. Contudo, o excerto serve para ilustrar um pouco do que o senso comum pensa a respeito dos falares carioca e são-luisense.

As pesquisadoras Leite & Callou (2002) assinalam que a escolha de um falar local para fins de padronização linguística sempre recaiu sobre três grandes centros urbanos (Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador). Apesar disso, as autoras afirmam que a preferência recaiu sobre a capital carioca. Confira o que as professoras falam sobre isso:

“A preferência recaiu sobre a cidade do Rio de Janeiro e se deveu, prioritariamente, a razões extralinguísticas: o fato de o Rio de Janeiro estar geograficamente no centro de uma polaridade norte/sul, ser centro político há mais tempo, capital da colônia desde 1763, e ser uma área cuja linguagem culta tende a apresentar menor número de marcas locais e regionais, com uma tendência universalista, dentro do país.” (LEITE; CALLOU, 2002, p. 9-10).

De acordo com as professoras, apesar de São Paulo já ter superado o Rio de Janeiro em termos socioeconômicos, a capital ainda mantém a sua marca localista, a qual ainda é muito estigmatizada por falantes de outras áreas do país. No caso de Salvador, a capital entrou nessa disputa por uma razão estritamente extralinguística: foi a capital durante a maior parte do Brasil-Colônia. Contudo, assim como São Paulo, também apresenta marcas regionais que são alvo de estigma.

Como demonstrado, os aspectos que atribuem um estatuto de prestígio ou de estigma a uma variedade linguística são, em geral, de ordem extralinguística. Por esse motivo, para tentarmos fornecer alguma explicação à associação existente entre norma e prestígio social, devemos olhar para características extralinguísticas das comunidades de fala estudadas. Assim sendo, para a análise de aspectos socio-históricos das capitais, recorreremos a dados demográficos provenientes do Recenseamento de 1872.

No que se refere ao ano de fundação de cada cidade, não há muita diferença temporal: Salvador é a capital mais antiga, fundada em 1549 (467 anos atrás). Em seguida, vem o Rio de Janeiro, fundado em 1565 (451 anos atrás). Por último, São Luís, fundada em 1612 (404 anos atrás).

Não obstante, é interessante dizer que, de acordo com o histórico do município de São Luís disponível no site do IBGE (<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=211130>), São Luís do Maranhão é a única cidade capital do país que não foi fundada por portugueses. A cidade foi fundada por franceses, sendo o seu nome uma homenagem ao então rei da França, Luís XIII.

Em relação ao Recenseamento de 1872, selecionamos dados referentes à população analfabeta e às diferentes raças (esse era o termo usado) que constituíam as comunidades à época. A escolha desses dados se justifica pela nossa hipótese de que o processo de cancelamento do rótico se iniciou na fala de indivíduos menos escolarizados. Essa hipótese é corroborada e sustentada pelo que Callou & Serra (2012) e Serra & Callou (2013) assinalam sobre o início do processo de apagamento do *R*: nas peças do dramaturgo português Gil Vicente (século XVI), a supressão do rótico era marca característica da fala de escravos. Por

esse motivo, daremos especial atenção aos dados de população negra apresentados no Recenseamento.

Seguindo a mesma sequência traçada para a apresentação dos resultados sobre o apagamento do *R*, começamos nossa análise pelos dados relativos à cidade do Rio de Janeiro.

Ao analisarmos os dados do então chamado município neutro (o que hoje corresponde à cidade do Rio de Janeiro), primeiramente, observamos que a capital carioca era muito populosa, contando com 274.972 habitantes. Em relação à população livre, o que nos chama a atenção é o fato de que a maior parte era composta por brancos (67.2%) e havia uma expressiva presença de estrangeiros (32.5%). Talvez, seja daí que decorra o gentílico *carioca*, palavra oriunda do tupi, que significa ‘casa de branco’ (<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=330455>). Em relação à população escrava, vale destacar que os pardos é que compunham a maioria da população (Cf. tabela abaixo).

População livre – 226.033 (82.2%):			
Raça			
Brancos	Pardos	Negros	Caboclos
151.799 (67.2%)	44.845 (19.8%)	28.466 (12.6%)	923 (0.4%)
Nacionalidade			
Brasileiros		Estrangeiros	
152.723 (67.5%)		73.310 (32.5%)	
População analfabeta			
126.877 (56%)			

Tabela 13: Indicadores sociais da população livre do Rio de Janeiro – Recenseamento de 1872

População escrava – 48.939 (17.8%):	
Raça	
Pardos	Negros
37.878 (77.4%)	11.061 (22.6%)
Nacionalidade	
Brasileiros	Estrangeiros
37.966 (77.5%)	10.973 (22.5%)
População analfabeta	
48.610 (99.3%)	

Tabela 14: Indicadores sociais da população escrava do Rio de Janeiro – Recenseamento de 1872

Os dados relativos à cidade de Salvador indicam que o município continha uma população (130.109 habitantes) consideravelmente menor se comparada à do Rio de Janeiro. Diferentemente da capital carioca, a maior parte da população livre de Salvador era composta por pardos e maioria da população escrava por negros.

População livre – 113.641 (87.3%):			
Raça			
Branco	Pardos	Negros	Caboclos
38.435 (33.8%)	50.070 (44.1%)	22.199 (19.5%)	2.937 (2.6%)
Nacionalidade			
Brasileiros		Estrangeiros	
106.122 (93.4%)		7.519 (6.6%)	
População analfabeta			
74.326 (65.4%)			

Tabela 15: Indicadores sociais da população livre de Salvador – Recenseamento de 1872

População escrava – 16.468 (12.7%):	
Raça	
Pardos	Negros
5.370 (32.6%)	11.098 (67.4%)
Nacionalidade	
Brasileiros	Estrangeiros
14.155 (86%)	2.313 (14%)
População analfabeta	
16.465 (99.9%)	

Tabela 16: Indicadores sociais da população escrava de Salvador – Recenseamento de 1872

Os dados da capital maranhense mostram que a população da cidade era bem pequena, contando com 31.604 habitantes. Assim como no Rio de Janeiro, a maioria de sua população livre era composta por brancos (48.5%), embora também houvesse uma moderada presença de pardos (36.1%). Contudo, diferentemente da capital carioca e igualmente a Salvador, a maior parte da população escrava era composta por negros (67.3%).

População livre – 24.578 (77.8%):			
Raça			
Branco	Pardos	Negros	Caboclos
11.909 (48.5%)	8.877 (36.1%)	3.458 (14%)	334 (1.4%)
Nacionalidade			
Brasileiros		Estrangeiros	
22.929 (93.3%)		1.649 (6.7%)	
População analfabeta			
12.535 (51%)			

Tabela 17: Indicadores sociais da população livre de São Luís – Recenseamento de 1872

População escrava – 7.026 (22.2%):	
Raça	
Pardos	Negros
2.297 (32.7%)	4.729 (67.3%)
Nacionalidade	
Brasileiros	Estrangeiros
6.811 (96.9%)	215 (3.1%)
População analfabeta	
6.991 (99.5%)	

Tabela 18: Indicadores sociais da população escrava de São Luís – Recenseamento de 1872

A partir dos dados extraídos do Recenseamento de 1872, podemos tecer algumas considerações que nos permitem estabelecer uma relação entre a formação socio-histórica das comunidades estudadas e a distribuição diferenciada do fenômeno de cancelamento do rótico.

Ao analisarmos os resultados para o apagamento do *R*, observamos que o processo se encontra em diferentes estágios a depender, principalmente, do contexto fonético no qual o *R* está inserido e também da região de origem do falante. Os índices mostram que o processo está mais avançado em Salvador, onde há a supressão do segmento até mesmo em contexto medial. Em São Luís, os índices de cancelamento são baixos em posição interna à palavra, mas já são expressivos em final de não-verbos. No Rio de Janeiro, os índices de apagamento também são baixos em posição medial e, somente na fala de indivíduos menos escolarizados, foi registrado um índice elevado de queda do segmento, em final de não-verbos. Tendo esses resultados em vista, qual seria uma possível explicação para essa distribuição tão diferenciada do fenômeno?

Analisando-se os dados do Recenseamento de 1872, observamos que:

- no Rio de Janeiro, a maioria da população livre era composta por brancos, havia uma expressiva presença de estrangeiros, e a maioria da população escrava era composta por pardos;
- em Salvador, os pardos dominavam a população livre do município e os negros a população escrava;
- em São Luís, a maior parte da população livre era composta por brancos, embora também houvesse uma moderada presença de pardos, e a maior parte da população escrava era composta por negros.

Será que a maior concentração de negros que havia em Salvador tem relação com o estágio mais avançado do processo de cancelamento do rótico nessa região? Teria a maior concentração de brancos no Rio de Janeiro e em São Luís relação com o fenômeno de apagamento do *R* e o prestígio social de que ambos os seus dialetos gozam? Será que a expressiva presença de estrangeiros no Rio de Janeiro (muito provavelmente, membros da corte portuguesa) também possui relação com o processo de cancelamento do *R*? A todas essas perguntas, a nossa resposta é sim. Acreditamos que o fenômeno de apagamento do rótico está intimamente ligado à formação socio-histórica das comunidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto os resultados para o cancelamento do rótico quanto os dados levantados sobre a formação socio-histórica dos municípios e os dados demográficos do Recenseamento de 1872 mostram uma diferenciação entre as comunidades de fala estudadas. O que esta monografia propõe é estabelecer uma relação entre todos esses dados, tarefa essa difícil.

Mais do que apresentar e discutir resultados, este trabalho tenta, de certa forma, relacionar resultados de pesquisas linguísticas a indicadores sociais. Não há dúvida de que é importante estabelecer uma relação entre essa mudança linguística e a formação socio-histórica de cada comunidade de fala, pois, somente assim, poderemos compreender melhor todos os aspectos sociais que estão envolvidos no processo.

Finalmente, para esta ambiciosa pesquisa, muito ainda precisa ser feito, especialmente no que tange à relação entre a história linguística e a história social. Já se pode responder a diversas perguntas sobre o fenômeno em estudo, mas não se pode negar que muitas estão em busca de uma resposta. Para isso, mais estudos devem ser feitos a fim de que se possa estabelecer uma relação mais segura entre o processo de cancelamento variável do rótico e a formação socio-histórica das comunidades de fala.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALLOU, Dinah Maria Isensee; LEITE, Yonne; MORAES, João Antônio. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: Gramática do Português Falado vol. VI, I. Koch, (ed.), Campinas: UNICAMP, 1996. p. 465-493.
- _____; SERRA, Carolina. Variação do rótico e estrutura silábica. Revista do GELNE, v. 14, 2012. p. 41-57.
- CARDOSO, Suzana *et alii*. Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.
- FARIAS, Aline; OLIVEIRA, Ingrid. Os róticos no Nordeste do Brasil: o apagamento em coda final e medial. 2013.
- LABOV, William. Principles of linguistic change. Internal factors. Cambridge, Blackwell, 1994.
- LEITE, Cândida Mara Britto. Estudo do /R/ em coda silábica medial e final no falar campineiro. In: Anais do VII Congresso Internacional da Abralín ISSN 21797145. Curitiba, 2011.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah Maria Isensee. Como falam os brasileiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONARETTO, Valéria. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (Orgs). *Português do Sul do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p.119-127.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986
- SANKOFF, David, TAGLIAMONTE, Sali & SMITH, Eric. *GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SELKIRK, Elisabeth. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: M.I.T. Press, 1984.
- SERRA, Carolina; CALLOU, Dinah Maria Isensee. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, 2013. pp. 585-594.
- _____; CALLOU, Dinah Maria Isensee. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: Amedeo De Dominicis. (Org.). *pS-prominenceS: Prominences in Linguistics International Conference*. 1ed. Viterbo: DISUCOM PRESS, 2015. p. 96-113.
- Entrevista com o professor Pasquale Cipro Neto. *Revista Veja*, 1997. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/educacao/100997/p_009.html> (Acesso em 28/01/2016)
- Histórico do município do Rio de Janeiro. IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=330455>> (Acesso em 28/01/2016)
- Histórico do município de Salvador. IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=292740>> (Acesso em 28/01/2016)
- Histórico do município de São Luís. IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=211130>> (Acesso em 28/01/2016)